

Aspectos da cultura do carvão em Criciúma (SC): *a história que não se conta*¹

Aspects of the coal culture in Criciúma (SC, Brazil): The untold history

Gerson Luis de Boer Philomena²
gerson@esucri.com.br

José Ivo Follmann³
jifmann@unisinos.br

Teresinha Maria Gonçalves⁴
tmg@unesc.net

Resumo. Com o título *Aspectos da cultura do carvão em Criciúma, SC: a história que não se conta*, o artigo provoca novas interrogações para a história do carvão nesta região, colocando em relevo o rompimento com alguns silêncios do passado, através de memórias colhidas em histórias de vida. Ao mesmo tempo em que são retomados, brevemente, os diferentes ciclos do carvão na região, conhecidos pela pesquisa histórica, o artigo centra a atenção em aspectos que continuam relativamente silenciados a respeito do trabalho, do cotidiano e da organização dos trabalhadores, do emprego da mão de obra feminina no trabalho carbonífero, dos efeitos socioambientais, sobretudo, no que diz respeito à saúde e, ainda, aspectos relativos à religiosidade e à representação da morte, sua fatalidade e lugar comum e como esta dimensão marca a cultura local, dando relevância à fala dos sujeitos sem descuidar um mínimo de diálogo com a literatura e a ainda limitada produção científica neste campo.

Palavras-chave: Cultura do carvão, trabalhador do carvão, Criciúma, história silenciada.

Abstract. *Aspects of Coal Culture in Criciúma, SC: The Untold History*, digs deep into the history of coal in Criciúma. Enriched with voices from the past, this article shares a collective memory of life that remains buried in time. Journeying through the different coal cycles of the region, this article explores many silenced aspects of not only daily life, but also life deeper within the workforce. The seldom heard voice of the female mining workforce is given a platform from which to share its story. Truths about society and environmental health are uncovered beside those of religiosity and inevitable death. These aspects have impacted the local culture, and through revealing these truths, attention will finally be brought to the necessary literature and the limited scientific production that still remains in this field.

Key words: coal culture, coal worker, Criciúma, silenced history.

¹ Os autores integram o Grupo Interdisciplinar e Interinstitucional de Estudos e Pesquisas sobre Meio Ambiente e Espaço Urbano – GIPMAUR-UNESC, coordenado por Teresinha Maria Gonçalves. As entrevistas foram realizadas por G.L.B. Philomena, no quadro de sua pesquisa de mestrado (Philomena, 2005), sob a orientação de T.M. Gonçalves. O artigo foi organizado e escrito pelos três, mediante uma nova leitura e análise de algumas histórias de vida, a partir de reflexões surgidas e construídas conjuntamente por ocasião da banca de mestrado de G.L.B. Philomena, com a participação de J. I. Follmann.

² Mestre em Ciências Ambientais, Universidade do Extremo Sul Catarinense, Professor de trabalhos de conclusão de curso (TCC), das Faculdades Escola superior de Criciúma.

³ Doutor em Sociologia, Université Catholique De Louvain, Bélgica, Professor da Unisinos.

⁴ Doutora em Meio Ambiente e Desenvolvimento Urbano, Universidade Federal do Paraná - UFPR, Professora da Universidade do Extremo Sul Catarinense – UNESC.

Introdução

Os ciclos pelos quais passou a cultura do carvão na região de Criciúma (SC) são amplamente conhecidos, mas ainda subsistem muitos aspectos da história que subjazem às delimitações no tempo, às estatísticas, aos indicadores do desenvolvimento e aos atores oficiais. A história continua pagando o tributo a silêncios que devem ser rompidos.

Se for correto que se diga que memória não é história, é, no entanto, ainda mais correto dizer que não existe história sem memória. Mesmo que a história não seja a simples sistematização de memórias, estas, sem dúvida, são interlocutoras fundamentais da mesma, tanto pelo viés oficial, quanto pelo viés não oficial. Movidos por esta convicção, como estudiosos externos ao campo da ciência da história, apesar de não alheios ao mesmo, aventuramos a ensaiar este artigo retomando alguns aspectos da cultura do carvão em Criciúma (SC), com a pretensão de ajudar a elucidar a história que não se conta ou que não está suficientemente contada, ou seja, a história que bebe da memória não oficial, ou das memórias “subterrâneas”.

Ao falar da cultura do carvão na região de Criciúma (SC), está-se falando daquilo que significou a riqueza e o desenvolvimento econômico dessa região. O conceito de cultura nos reporta a uma inequívoca indissociabilidade entre história e economia. Apoiamo-nos em Santos (1997) para referir esta não dissociação entre história e economia. Segundo ele, há intercalação e junção de três categorias para analisar a história econômica de uma determinada região: o modo de produção, a formação social e o espaço. “Todos os processos que, juntos, formam o modo de produção são históricos e especialmente determinados num movimento de conjunto através de uma formação social” (Santos, 1997, p. 86). A história não se escreve fora do espaço. O espaço, por sua vez, é constituído e resulta de múltiplas determinações naturais, sociais e culturais.

Sem pretender dar conta de toda a complexidade que, a rigor, significa a “cultura do carvão”, o artigo está dividido em três momentos: num primeiro momento, retoma-se o argumento da importância da memória não oficial (ou “subterrânea”) como caminho para desobstruir falas e romper com silêncios do passado; num segundo momento, faz-se uma breve síntese da história da cultura do carvão na região de Criciúma (SC), tal como é conhecida no meio acadêmico e no meio oficial; num terceiro momento, que é o foco principal do artigo, através de memórias selecionadas, são desveladas algumas luzes concernentes a aspectos da cultura do carvão, tais como o trabalho, o cotidiano e a organização dos trabalhadores, o emprego da mão de obra feminina no trabalho carbonífero, os efeitos socioambientais, a saúde e, ainda, a representação da morte, sua fatalidade e lugar comum, e como esta dimensão marca

a cultura local. Os aspectos assim levantados a partir de histórias de vida passam a significar verdadeiras “escutas de silêncios”, e essas “escutas” são feitas e registradas sem descuidar a necessária interlocução, apesar de não exaustiva, com a produção já existente. Ao falar da escuta de silêncios, estamos, obviamente, falando de memórias subterrâneas ou não oficiais. Trata-se de aspectos da história, em grande parte, não suficientemente registrados na memória oficial.

A memória como caminho de “escuta de silêncios” do passado

Não se trata de trabalhar a oposição binária de memórias dominantes e memórias dominadas ou entre a memória oficial e as memórias não oficiais e “subterrâneas”. Para Pollak (1992, p. 11), este tipo de abordagem deve ser considerado algo superado. É importante, no entanto, estarmos atentos ao processo de “negociação” (Pollak, 1992, p. 5) que permeia as memórias como constitutivo do processo de identidade. Segundo Pollak (1989), “um passado que permanece mudo é muitas vezes menos o produto do esquecimento do que de um trabalho de gestão da memória, segundo as possibilidades da comunicação” (Pollak, 1989, p.14).

Para Benjamin (1992, p. 28), as historiografias oficiais tendem a evocar o passado, fazendo despertar recordações dominadas por uma temporalidade ordenada e linear, alinhando, desse modo, os acontecimentos de uma forma particular, uma forma que apenas permite que as pessoas se lembrem de uma sucessão distorcida e predefinida de eventos passados. A história oficial, segundo Benjamin, não é mais que ficção, uma montagem seletiva de acontecimentos passados num encadeamento linear significativa. A linearidade e o ordenamento referidos por este autor, estão, também, bem expressos nos “enquadramentos da memória” de que nos fala Pollak (1989, p. 9-10). Apoiamo-nos, em grande parte, na contribuição deste autor para reforçar a convicção que fundamenta o presente artigo e concluir que a história não pode prescindir da memória não oficial ou “subterrânea” na busca da ruptura com os enquadramentos oficiais.

Os silêncios da história são, neste sentido, reveladores de mecanismos e dispositivos de uma construção social do passado e são também reveladores de diversas formas de enquadramento da memória coletiva; o esquecimento constitui uma vala comum onde repousam atores e personagens anônimos e episódios e ações marginais, suprimidos e eliminados pelas narrativas históricas convencionais. E, se a memória do passado influencia o presente, o controle sobre essa memória torna-se um sólido instrumento de dominação. Trazer à luz memórias “subterrâneas” ajuda a romper com esse controle.

Por exemplo, quando um dos entrevistados referidos no presente texto traz à luz as suas lembranças, vivências e percepções com relação aos “Grupos dos Onze”, ou quando outro entrevistado mostra como “tinha muitas mulheres que trabalhavam como escolhedeiras” no local onde ele passou a infância, ou, ainda, quando um terceiro entrevistado lembra os dados estarrecedores em relação ao ano de 1948, quando “das 248 crianças nascidas, 240 morreram”, nós temos diferentes memórias que contribuem pontualmente para reconstruir o tecido da história em aspectos pouco lembrados ou até intencionalmente silenciados.

As reflexões sobre memória fazem valorizar as narrativas e os depoimentos colhidos em entrevistas, enfim, fazem valorizar as falas de um determinado grupo pesquisado, como um material imprescindível, principalmente em pesquisas que se propõem a reavivar lembranças a partir do imaginário coletivo. Conforme Darnton (1995, p. 286-287), ao se cruzar informações e acontecimentos, através das falas de entrevistados, compreende-se que a notícia não é o que aconteceu no passado imediato, e sim o relato de alguém sobre o que aconteceu, levando-se em conta que esse alguém que relata o faz a partir de um ponto de vista que não é apenas seu, do indivíduo, mas está formulado a partir de experiências sociais particulares trazendo à luz trajetórias únicas e irrepetíveis.

De acordo com Bosi (2003, p. 18), mesmo os silêncios que frequentemente formam hiatos no decorrer das narrativas podem expressar a memória de fatos e acontecimentos marcantes e muitas vezes dolorosos, que mobilizam emocionalmente o informante, ou que de tão carregados de sentimento estão guardados nos espaços mais escondidos da memória, como forma de proteção frente ao sofrimento causado pelas lembranças. Pollak (1989, p. 6) refere lembranças proibidas, lembranças indizíveis, lembranças vergonhosas, relatando estudos referentes aos sobreviventes do stalinismo, a grupos de deportados e a grupos de recrutados à força. No presente artigo, ao falar em silêncios, falamos dos aspectos normalmente silenciados ou pouco salientados na memória oficial e nas historiografias oficiais.

A cultura do carvão na região de Criciúma (SC): referências históricas

Cabe ressaltar quatro fases bem distintas no modelo histórico da produção de carvão mineral da região. Criciúma

(SC) se insere no primeiro período, o qual teve aceleração devido à imigração de colonizadores de origem europeia. De acordo com Goularti Filho (2001, p. 40), a *primeira fase* foi do descobrimento do carvão até a implantação total da ferrovia em 1919; a *segunda fase*, que sucedeu, foi até a Segunda Guerra Mundial, incluindo usinas de beneficiamento, termelétricas e produção de gás e coque; a *terceira fase* se situa entre a segunda guerra e os anos setenta do século XX; e a *quarta fase*, marcada inicialmente pela mecanização das minas, na sequência da terceira fase, teve um certo impulso na primeira década de 1980, mas foi seguida pelo declínio e reformulação devido a novas políticas adotadas a partir da segunda metade daquela década.

O carvão surgiu na pauta de exportação durante a Primeira Guerra Mundial e manteve-se num ritmo de crescimento até 1927, e o posterior declínio aconteceu devido ao carvão importado. A lavra e o beneficiamento do carvão mineral no sul de Santa Catarina apresentaram-se, desde os seus primórdios, como atividades econômicas fundamentais ao desenvolvimento de toda a região. Desde o início de sua exploração econômica, o carvão teve a sua comercialização subordinada a decisões governamentais. As duas grandes guerras mundiais são consideradas marcos que ajudaram a impulsionar o desenvolvimento da indústria carbonífera no Brasil. No sul de Santa Catarina significaram um tempo de progresso e investimentos no setor. Nas guerras, diante do impedimento da importação do carvão europeu para atender às recém criadas empresas nacionais de iluminação, gás e ferrovias, a exploração do carvão brasileiro passou a ser muito incentivada. Outro momento de certa reativação e incentivo aconteceu com a crise mundial do petróleo.

Ao longo da primeira fase, as minas eram abertas nas encostas onde aflorava a camada de carvão. Este era retirado por processos rudimentares e transportado até as proximidades do Porto de Laguna, em carros de boi e no lombo de mulas. Mais tarde, simultaneamente à facilidade da ferrovia, surgiram equipamentos mais modernos, tipo perfuratrizes e locomotivas. O carvão passou a ser escolhido pelos mineiros e classificado manualmente, para utilização nos vapores e na produção de gás, na capital da República.⁵

Esta fase, que ainda envolvia a produção manual pelo mineiro, foi marcada pelo primeiro grande depósito de rejeitos de carvão de alto teor de enxofre, depositado na Estiva dos Pregos, no então município de Tubarão. Após os anos setenta e com fortes subsídios estatais, houve uma aceleração da mecanização das minas, com aumento da produção e instalação de pré-lavadores, o que fez com que aparecessem grandes depósitos de refugos junto às minas.

⁵ Com a Segunda Guerra Mundial, o carvão tornou-se estratégico, e o governo federal, com a criação da Companhia Siderúrgica Nacional – CSN e mediante uma política de investimento na indústria carbonífera na região sul, consolidou o porto de Imbituba, a ferrovia Dona Tereza Cristina, o lavador de Capivari e a SOTELCA (Sociedade Termoeletrica de Capivari), primeira termoeletrica estatal.

É também relevante citar o surgimento e a bancarrota da Indústria Carboquímica Catarinense para o aproveitamento do enxofre, contido nos rejeitos, que se deu nessa época (Goularti Filho, 2001, p. 267).

A partir da segunda metade da década de 1980 (1986), as facilidades que protegiam o setor começaram a ser desmanteladas. Isto se evidenciou mais com a desregulamentação do setor pelo governo Collor (1990-1992), gerando um período de grave recessão. Nesse período, foram retirados subsídios e garantias de compra da fração metalúrgica do carvão. Esse processo resultou no fechamento de minas, falência de empresas, privatização da CSN (Companhia Siderúrgica Nacional). A massa de trabalhadores no setor passou, neste período, de 15mil para aproximadamente 3 mil.⁶

É importante anotar que o carvão catarinense tinha dois destinos: o carvão metalúrgico para o uso na siderurgia, e o carvão energético para a geração de energia nas termelétricas. Em 1991, foi encerrada a fase de produção do carvão metalúrgico nacional (catarinense) e iniciado o uso do carvão energético, em regime de livre mercado (Goularti Filho, 2001, p. 267). Foi quando iniciou um processo de desativação das minas, já que a atividade carbonífera do sul de Santa Catarina se concentrava na produção do carvão metalúrgico. As siderúrgicas optaram por importar esse tipo de carvão por ser de melhor qualidade e de melhor preço. A partir de então a indústria carbonífera catarinense teve que ser remodelada para a produção do carvão energético. É o que faz até hoje.

Fragmentos de histórias de vida

O Sr. Lorisval Nunes de Mello, o Sr. Tarciso Pereira e o Sr. Ademar da Silva, em suas *histórias de vida* registradas na pesquisa para G.L.B. Philomena⁷, coletadas entre os anos de 2003 e 2004, ajudam a desobstruir falas e a romper com determinados silêncios, fazendo com que aspectos da história “subterrânea” e “perdida nos subsolos da indústria do carvão” se tornem mais conhecidos.

(a) Sobre os trabalhadores do carvão

O Sr. Lorisval, ou Loro, como ele prefere ser chamado, é uma pessoa que sempre teve uma vida triste. Aos 11 anos perdeu a mãe e foi criado com mais oito irmãos;

não teve lazer e só trabalhou, como ele disse por diversas vezes: “eu não vivi” e, “agora, Deus é que me guenta em pé”. De uma maneira triste, ele faz uma narrativa das condições de trabalho, falando da sobrecarga do trabalho e da importância da dedicação a este trabalho.

O excesso da jornada de trabalho está muito presente na memória do Sr. Loro, que enfatiza a luta para fazer frente a isso: “Aí o sindicato virou a lutar para nós fazê seis horas, porque nós baixava de manhã, no clarear do dia, chegava em casa tarde da noite.”

A falta de tempo para a família, advinda da sobrecarga nas horas de trabalho, fez com que o Sr. Loro se deparasse com o dissabor de um filho pequeno seu que não reconhecia o pai. Ele “não queria eu, né”. E nos lembra também e muito bem o livro *Germinál*, de Zola,⁸ onde em um dos trechos (1987, p. 155) relata que os mineiros “aos domingos sucumbiam, exaustos. Os únicos prazeres eram embriagar-se e fazer filhos na mulher. E, ainda por cima, a cerveja fazia crescer a barriga, e os filhos, mais tarde, renegavam os pais. Não, não, a vida não tinha graça nenhuma!” Em outra passagem, o mesmo autor (p. 51) faz referência ao trabalho dos mineiros, como “um trabalho escravo, no fundo dessas trevas horrendas”.

Assim como o trabalhador do carvão sucumbe exausto em seus domingos e dias de folga, assim também se desenha o seu tempo em que estará “usufruindo” da aposentadoria, vendo-se jogado na inutilidade e no vazio, depois de ter sido sugado ao longo de seu tempo de trabalho. Isto é manifesto na tristeza do Sr. Loro. Uma frase que ele sempre repete é: “Os mineiros morrem trabalhando e o minerador fica rico!” Mesmo assim, ele conta que se esforçavam ao máximo para não proporcionar prejuízos à empresa.

O Sr. Loro fala do trabalho nas minas e, em certos momentos, torna-se ambivalente, ao afirmar que é perigoso e não é... Quando lhe foi perguntado se tinha visto muitas mortes nas minas, ele respondeu: “Vi, vi. Mas para o serviço perigoso que era e é hoje ainda, não morre ninguém, morre muito mais hoje carregando carga para esses bandidos. Morre muito mais gente nessa (rodovia) federal, do que morria na mina [...] por que na mina, só se desse um incêndio, né. [...] É mais perigoso na construção civil. [...] Então, uma mina é um serviço, que, por sinal, até que não é muito perigoso, não.”

Entretanto, em outras lembranças, ele afirma que há perigo, como: “É perigoso, é que a gente cheira fumaça [...] os

⁶ Carlyle Bezerra de Menezes, em palestra ministrada na Semana do Meio Ambiente, Criciúma (SC), Universidade do Extremo Sul Catarinense – UNESC, 1 a 6 de junho de 2007.

⁷ G.L.B. Philomena é o autor da pesquisa que consubstancia o presente texto. As entrevistas originalmente feitas (entre 2003 e 2004) em vistas da dissertação de mestrado no Programa de Pós-Graduação em Ciências Ambientais (mestrado), em 2005, proporcionaram importantes desdobramentos a partir das discussões feitas pela banca.

⁸ *Germinál*, publicado em 1881, é considerado a obra principal de Émile Zola. Foi uma obra escrita a partir de profunda convivência do autor nas minas de carvão no norte da França. Ele conseguiu descrever toda a dinâmica da vida dos trabalhadores das minas de carvão, depois de ter passado muitos dias (dois meses) compartilhando o cotidiano do trabalho nas minas, convivendo com os mineiros, comendo e bebendo com eles. (Bebia-se muito nos bares, talvez para esquecer o peso terrível de um trabalho insano e em condições subumanas...) Zola acompanhou uma greve dos mineiros. Quis sentir em sua pele as agruras do ambiente do trabalho (calor, umidade, insalubridade, sujeira, dificuldades mil), as dificuldades de organização e mobilização, misturadas com um ambiente de vida familiar fragilizado e repleto de misérias humanas, fome e tensões.

mineiros morrem trabalhando [...] Deus é que me guenta em pé [...] a vida de mineiro é uma vida desastrada [...] eu tenho uma tosse que é uma barbaridade.” É importante ressaltar que a tosse é proveniente dos finos do carvão (partículas de pó muito fino), que provocam a morte dos tecidos pulmonares.

“É um trabalho que acaba com a saúde, com os pulmões”, repete o Sr. Loro. O que vem a ratificar esta afirmação é que a aposentadoria é aos 15 anos de trabalho e, mesmo assim, sabe-se que, ao final desse período, muitos carregam consigo problemas de saúde incontornáveis. Coimbra (1996, p. 22) descreve que “o ar era tão viciado que não tinha oxigênio suficiente para que se riscasse um fósforo”. As galerias onde trabalhavam eram muito estreitas e baixas, “o que lhes traria sérios problemas de coluna para o futuro”.

Em uma passagem de sua narrativa, o Sr. Loro descreve a evolução da tecnologia na mineração, só que quando as condições de trabalho ficaram melhores, ele já estava com os pulmões em péssimas condições, tanto que hoje, aos 78 anos, ele comenta com amargura: “Eu saí da mina muito mal, né.”

Isto nos convida a retomar uma reflexão mais ampla, com o sociólogo De Masi (2000, p. 240-241), quando este argumenta que a empresa proporciona salário, *status*, convívio social, mas o trabalhador paga um preço por isso, como renúncias e neuroses e, após ter sido sugado e iludido, considerado indispensável e insubstituível, é aposentado e condenado à inutilidade.

De Masi (2000, p. 238) considera a empresa como uma prisão-hospício, pois “suga as inteligências, manipula as emoções e os afetos. É o coletivo que prevalece sobre o individual”. Na mineração da época, a dedicação era exclusiva ao trabalho. Praticamente não havia tempo para lazer.

O Sr. Loro sempre foi pobre e se conforma com isso, e em seu discurso coloca que “eu era, como eu te digo, era pobre demais, ninguém dava nada por mim, né. Toda a vida fui pobre desse jeito que tu tá vendo aí, oh!”, apesar de ter adquirido 24 hectares de terras agricultáveis, no município de Içara (SC). Está expressa, nas palavras do Sr. Loro, o que Gans (1996, p. 8-10) chama de “derrota política dos pobres”. O pobre se conforma, aceita que é pobre, e a maior derrota é perder a esperança. É perder a consciência de que ele pode reverter a situação.

(b) O sindicato dos trabalhadores do carvão

Em sua narrativa, o Sr. Loro denuncia um advogado do sindicato dos trabalhadores, que, segundo ele, na realidade

de estava mais para o lado do patrão do que dos mineiros. “E nós tinha uma orientação do sindicato, que nós não podia dá prejuízo para o patrão de maneira nenhuma.” Segundo este depoente, eles (ele e seus colegas) eram obrigados a permanecer trabalhando até que terminassem a tarefa. O sindicato era cooptado pelos mineradores. Então, quem é que estava a favor do trabalhador? Como eles poderiam sobreviver se havia tanta gente contra eles? O sindicato, que deveria estar a favor dos trabalhadores, estava contra. O mineiro sempre esteve envolvido nos movimentos de luta, mas eles eram cooptados pelos mineradores. Os sindicatos eram chamados de pelegos. Muitas vezes os movimentos eram conduzidos pelos próprios mineradores, que usavam os trabalhadores para obter maiores subsídios do governo para o carvão. Na época da ditadura, devido ao temor das intervenções por parte do governo, as greves diminuíram.⁹

O sindicato dos trabalhadores estava fragilizado, pois não conseguia exercer a sua função genuína. Na visão de Drucker (1993, p. 73), “os sindicatos somente têm sucesso quando usam sua força para defender a causa do trabalhador, isto é, desempenham a função correta”. O que se constatava em nível do sindicato dos mineiros era que jogava mais em defesa das empresas mineradoras do que do próprio trabalhador.

Na discussão sobre nível salarial, Arruda (1984, p. 27) coloca que, se o trabalhador tinha a custódia da mão-de-obra, a única forma disponível para o empregador contratá-lo seria pagar-lhe o mínimo indispensável à sua subsistência. Se remunerasse acima deste limite, haveria redução do desempenho, caindo o nível de produtividade. Trata-se de uma realidade muito semelhante à que é relatada em *Germinal*, de Zola (1987, p. 135): “O salário cai muito baixo, os operários morrem e a procura de novos homens faz com que ele suba. Se sobe muito alto, o excesso de oferta faz com que ele baixe”.

Ao se tratar da questão salarial, existe, no entanto, um componente de ambivalência no que se refere à narrativa sobre a região carbonífera. O Sr. Loro chega a registrar, em sua narrativa, que a remuneração era boa: “Naquele tempo era bom. No tempo que eu trabalhei, o salário da mina era o maior que tinha.” É importante anotar, no entanto, que o Sr. Loro também diz reiteradamente que ele sempre foi pobre e continua pobre...

Na época, greves eram fomentadas pelos próprios mineradores para pressionar o governo federal, porque o governo é que ditava o preço para a tonelada do carvão, e era o governo que fornecia o subsídio; então, buscavam mais subsídios e aumento do preço da tonelada do carvão, usando o movimento grevista como trunfo.

⁹ Tem-se o registro de que até 1970 os governos militares fizeram 536 intervenções em sindicatos, destituindo presidentes e diretores e substituindo-os por interventores (Chiavenato, 1994, p. 96).

O Sr. Loro viveu o auge do dinamismo da indústria do carvão, mas também viveu os tempos do declínio. Apesar de o trabalhador do carvão ter a percepção de estar sendo instrumento dos interesses dos mineradores, ele percebia também não ter outra saída senão entrar no jogo, isto é: “ou entra no sistema ou sai da atividade” (Sr. Loro). Para os mineiros, era cada vez mais evidente a dramática ameaça da perspectiva da perda do emprego. A sensação de poderem ser facilmente descartados os afetava profundamente.

A sociedade se divide em ganhadores e perdedores, e, no contexto da cultura do carvão, podemos dizer que pouco se aplica a ideia que colhemos em Carmo (1992, p. 12) quando refere que, “para muitos, o trabalho é a chave para superar os infortúnios e o parâmetro para medir a acumulação de capital, evidenciando a habilidade de vencer na vida”.

O Sr. Loro diz que nunca morou em casa da companhia carbonífera, mas fica indignado ao lembrar que os engenheiros das minas moravam em ótimas casas e recebiam aumento três vezes maior. “Cada engenheiro tinha uma mansão! Rapaiç!!”, exalta-se ele. O depoimento do Sr. Loro, deixa um registro claro de que o trabalho dos mineiros é muito mais parâmetro para medir a acumulação de capital do que chave para a superação dos infortúnios do trabalhador.

(c) Transitar pela doutrina social da Igreja e pelo “Grupo dos Onze” de Leonel Brizola...

Percebe-se que o Sr. Loro é uma pessoa que tem certa consciência política ao relembrar o Golpe de 1964, o Grupo dos Onze, os partidos políticos, o governo de Getúlio Vargas, as perseguições políticas, as torturas do período da ditadura militar no Brasil e o seu conhecimento do ensino social da Igreja.

Conta que em seu referencial teórico sobre a militância política havia a Encíclica do Papa João XXIII: “Eu tinha a encíclica que foi soltada pelo Papa [...] a encíclica *Mater et Magistra*. Então a encíclica dizia para nós direitinho como é que nós deveria se comportar no sindicato.” A Encíclica de João XXIII, *Mater et Magistra* (1961), trazia a evolução da questão social à luz da doutrina católica. A Igreja Católica se assume como “Mãe e Mestra” e assim é assimilada. “Mãe e Mestra” de todas as gentes, cuja luz ilumina, abrasa e atravessa todos os tempos. É um ensinamento apresentado como suscetível de trazer solução para as crescentes necessidades dos homens, para as angústias e aflições desta vida.

Há, nessa Encíclica, capítulos referentes à socialização, presença dos trabalhadores em todos os níveis,

ajustamento entre o progresso econômico e o progresso social, as exigências da justiça quanto às estruturas produtivas, a propriedade privada, incremento demográfico e desenvolvimento econômico.

Com relação ao regime de salários, nega-se na Encíclica a tese que o declara injusto por natureza. Reprovam-se, no entanto, ao mesmo tempo, as formas inumanas e injustas que, não poucas vezes, se praticaram. A Encíclica inculca e desenvolve os critérios nos quais se deve inspirar e as condições necessárias a satisfazer para não se lesar a justiça nem a equidade.

Ela é uma fonte que o Sr. Loro diz ter aprendido como referência importante em sua vida. Percebemos uma atitude dúbia ou não resolvida em relação ao tema trabalho, por parte da igreja, expressa neste documento e de certa forma reproduzida no relato desconstruído do Sr. Loro. Parece que, ao se reportar ao princípio geral de que o salário não é injusto por natureza, a Encíclica joga sombra sobre a realidade inumana e gritante de muitos salários e da situação da maioria dos assalariados. A Igreja Católica, em sua história e na sua doutrina, na nossa percepção, sempre quis evitar conflitos e estar de bem com todas as classes.

A Encíclica chega a propor uma forma de “suavizar” o contrato de trabalho, apontando para a possibilidade de, quando há condições para tal, os operários se tornarem participantes ou na propriedade, ou na gestão, ou, em certa medida, nos lucros obtidos. Nota-se o quão longe está esta utopia, inerente ao ensino social da Igreja Católica, da dura trajetória vivida pelo Sr. Loro, que se diz orientado por esse ensinamento.

O Sr. Loro demonstra, em toda a sua narrativa, ter sido uma pessoa engajada nos movimentos operários. Porém, a orientação política que recebia vinha de duas fontes aparentemente opostas: uma da Igreja Católica, especificamente a Encíclica *Mater et Magistra*, e outra de políticos de esquerda, como é o caso do Sr. Leonel Brizola.

Possuía contato com Brizola quando estava organizando o Grupo dos Onze na região de Criciúma (SC): “Era um grupo nacionalista. Era nós se preparando para ver se o militar [...] não dava o golpe. Nós mesmo organizamos o grupo a pedido do Brizola”, relata o Sr. Loro.

De fato, a história nos documenta que “em 27/08/1961, Brizola já anuncia resistência e mobiliza o povo gaúcho” (Chiavenato, 1994, p. 48). A iniciativa de Brizola em mobilizar o povo gaúcho, repercutiu em todo o Brasil, lançando bases para resistir aos ministros militares de então. Os Grupos dos Onze, que, segundo o seu criador, não tinham uma feição paramilitar, foram constituídos, no entanto, como uma forma de resistência a um possível golpe militar. Brizola, em entrevista ao jornalista Denis de Moraes, em fevereiro de 1981, assim se refere aos Grupos dos Onze:

[...]foi uma tentativa desesperada de desenvolver a organização popular para a resistência ao golpe. Embora tenha sido uma iniciativa só posta em prática poucos meses antes do golpe, atingiu o “grupo dos onze”. Não tinham caráter paramilitar. Convocávamos as pessoas através do rádio. Eram o que se poderia chamar de clubes de resistência democrática, ou de comunidades de defesa da democracia. Mais tarde, o próprio regime militar verificou que não eram organismos paramilitares (Moraes, 1989, p. 253).

O grande valor do Sr. Loro é que ele foi um líder político, quando estruturou o Grupo dos Onze, que era forte em Criciúma (SC), segundo relato de pessoas que viveram naquela época. No entanto, não existem nessa cidade documentos e pesquisas que contem ou analisem o assunto. Esse é um dos silêncios da história de Criciúma (SC), que procuramos ajudar a romper dando voz ao Sr. Loro. Muitos outros ainda deveriam ser ouvidos. Muitas outras falas ainda deveriam ser desobstruídas.

O Sr. Loro se revela uma pessoa com consciência política muito apurada e capaz de descrever todo o esquema (ou estratégia) que costumava montar para se defender da repressão. Ele mostra, com muita clareza, que as relações pessoais de então eram importantes, pois, mesmo o delegado “estando do outro lado”, o avisava sempre que corria riscos políticos ou deveria se proteger da polícia.

Segundo Gonçalves (2011), a lembrança das lutas política e social sempre permanece no imaginário coletivo e no inconsciente da população. Houve muitas greves ao longo do século passado, principalmente dos mineiros. Então a região se politizou, tanto que um integrante de Grupo dos Onze enviou, de trem, o Manifesto Comunista para um grupo de jovens de Lauro Müller.

Em 1967, no município de Lauro Müller, havia um capataz que viera da Alemanha. Ele tratava os mineiros de forma rígida, como se fora um regimento militar. Eles eram maltratados pelo capataz quando não conseguiam atingir a meta de determinada quantidade de carvão por dia. Certo dia de 1967, ele chegou a prender mais de 50 mineiros, em um depósito de pólvora, por mais de seis horas. O então *Correio do Povo*, um jornal de Porto Alegre (RS), descobriu isso e realizou uma reportagem. Então o capataz chamou a polícia. Os jornalistas, para salvar os filmes, colocaram os mesmos nas solas dos sapatos. Alguns conseguiram salvar, mas outros danificaram os filmes porque tiveram que atravessar um rio. Esta é apenas uma das muitas formas de atrocidades ocorridas com os mineiros da região. Reproduziam-se cenas “medievais” dentro do contexto das décadas de 1950 a 1970 (Gonçalves, 2011).

(d) Utilização da mão de obra feminina

Na cultura do carvão, sobretudo na fase em que os trabalhadores praticamente passavam o dia nos subterrâneos das minas, eram notáveis e acentuadas algumas ansiedades muito características nas relações familiares. Muitas mulheres traíam seus maridos, e eles tinham muito medo dessa traição, uma vez que ficavam indefesos e presos nas minas. Vale o registro do Sr. Loro relativo a seus temores: “Me casei com medo de vivê com a mulher, né [...] graças a Deus me casei com uma mulher de acordo.” Ou seja, graças a Deus, para ele não houve problemas com relação a esta potencial ameaça.

Mas a mulher nas famílias mineiras não era reduzida somente à figura daquela que gerava ansiedades, revestida da ameaça de aproveitar-se das ausências do marido para traí-lo. Nem pode ser reduzida àquela que ficava em casa cuidando do lar e, solícita, ajudava o marido e os filhos para partirem para o trabalho acolhendo-os, também solícita, no seu retorno.

As mulheres exerceram também um grande papel enquanto trabalhadoras na indústria carbonífera. O mesmo que está retratado no romance de Émile Zola, já referido, talvez possa ser visualizado no processo mineiro no contexto de Criciúma (SC). Em *Germinal*, este autor descreveu a presença do trabalho feminino e de sua destreza na execução de certas atividades que, às vezes, causava até constrangimento para os “camaradas” do sexo oposto. Ele relatou também com precisão a dupla jornada das mulheres, que eram as primeiras a levantar e preparar o café para toda a família, cumprindo ainda dura jornada de trabalho em seguida.

Em primeiro lugar, deve-se destacar que um fato em geral pouco referido é a utilização das mulheres para os serviços de catação de carvão, além dos serviços tradicionais do lar. Estas mulheres passaram a ser conhecidas como escolhedeiros ou catadoras de carvão. É um dado poucas vezes reportado nas classificações. Carola (2002) destaca alguns elementos sobre este tema: “Do ponto de vista das famílias mineiras, o trabalho das mulheres nas minas tinha um papel importante no orçamento doméstico e, em alguns casos, era fundamental e único, embora fosse sempre considerado complementar” (p. 56); ou ainda: “muito longe da propagada docilidade e submissão feminina, as trabalhadoras das minas de Criciúma – SC e região jogavam por terra todos os estereótipos de sua suposta fragilidade” (p. 73). O trabalho de escolha também era pesado, pois as mulheres tinham que erguer e virar as caixas de carvão para efetuar a escolha.¹⁰

¹⁰ Alguns entrevistados nas pesquisas de T.M. Gonçalves e G.L.B. Philomena comentaram que essas caixas pesavam mais de 60 quilos, algumas beirando os 100 quilos.

Carola (2002) aponta que, em todas as minas no período por ele pesquisado, 1937 a 1964 – perpassando, portanto, em grande parte a segunda e a terceira fases da cultura do carvão na região –, a força de trabalho feminina estava presente. O trabalho era peneirar o carvão graúdo para separar o fino (moinha). Antes de efetuar esta separação, o carvão era colocado sobre uma mesa de escolha com uma pá. As escolhedeiras utilizavam uma pequena picareta para separar ou arrancar as pedras que vinham com o carvão. Havia um caixote para colocar o carvão escolhido. A tarefa básica era retirar o folhelho¹¹ e a pirita do carvão bruto. O Sr. Tarciso, em sua história de vida, é incisivo em colocar que “tinha muitas mulheres que trabalhavam como escolhedeiras”; elas fizeram parte de sua infância, eram suas vizinhas.

De acordo com Volpato (1984, p. 24), até os anos 60 do século passado, “principalmente nas décadas de 1940 e 1950, as mulheres constituíam uma força de trabalho significativa nas minas de carvão da região carbonífera de Santa Catarina”.

Segundo Volpato (1984), o trabalho das mulheres era interessante para os proprietários das minas já que pagavam um salário mais baixo para este tipo de mão de obra. Ao lado desse interesse dos mineradores, também as famílias numerosas pressionavam que as mulheres procurassem um emprego, e o que havia disponível era na mineração. Este autor (1984, p. 53) coloca com muita clareza que, “[...] de um lado, havia os donos das minas, ávidos por obterem lucros fáceis com mão-de-obra barata; de outro, as famílias pobres que necessitam de emprego, salários, moradias”.

Mais tarde, as mulheres foram excluídas das minas. Isso as remeteu às atividades domésticas, para cuidarem dos maridos e criarem os filhos. Aliás, uma das sinas das mulheres, no contexto da mineração do carvão, sempre fora cuidar do marido, lavar o dorso do marido para tirar a poeira de carvão, como tão bem já está caracterizado no romance de Zola, acima referido. Chorar pelo filho morto era coisa que as mulheres dos mineiros faziam frequentemente (Gonçalves, 1989). A evolução do processo de mineração não ampliou as chances das mulheres, mas estas, segundo está registrado por Carola (2002, p. 80), “foram excluídas das minas e da história e ‘confinadas’ à privacidade do lar”.

(e) Efeitos socioambientais da atividade carbonífera

Voltando às memórias da história de vida do Sr. Loro, ao finalizar, este depoente relata sobre a poluição que foi um dos aspectos que mais marcou a sua vida: “A

terra ficou poluída e não deu mais nada. Tá toda cheia de buraco, cheia de água, e agora só pra lixo.” Próximo de onde ele reside hoje, houve uma severa agressão ao ambiente natural provocada pela mineração.

Se, por um lado, houve o desenvolvimento econômico, por outro, os danos ambientais assumiram formas variadas e com escalas diferenciadas, tais como a contaminação dos lençóis freáticos, a extinção de nascentes, a erosão do solo, a retirada de grande volume das camadas do solo, conduzindo ao desaparecimento de seções inteiras de uma unidade paisagística, o desmatamento, a formação de pilhas de estéril, a contaminação química dos cursos de água, as chuvas ácidas, dentre outros, conforme constatações por Carola (2002).

Este autor amplia a sua reflexão:

[...] a história mundial comprova que, onde existiram minas, existiram morte e destruição. Na região carbonífera de Santa Catarina, esse dilema também ocorreu. Em certos aspectos, a união entre a lógica capitalista, a ganância inconsequente de proprietários e a submissão das autoridades resultou em fulminante destruição, comparável a uma guerra nuclear. Em nome do progresso, rios, solo, ar e seres humanos foram violentamente dilacerados [...] a mina de carvão é, sem dúvida, um dos ambientes de trabalho mais insalubres e poluídos que se conhece até hoje (Carola, 2002, p. 147, 231).

O Sr. Tarciso, cuja fala já mencionamos anteriormente, nasceu na localidade de Santana, município de Urussanga (SC). Hoje, aos 49 anos de idade, relembra fatos que marcaram sua infância, principalmente entre os 7 e 12 anos. Conta que ainda hoje 80% dos seus sonhos são povoados pelos fatos deste período, que, ao mesmo tempo, era de um contato em condições das mais adversas em termos de poluição e contaminação. As suas caminhadas pelas matas com os amigos ainda estão fortemente presentes em sua memória. Apresenta-se um forte contraste entre degradação e preservação.

O Sr. Tarciso conta que “íamos tomá banho nos poço de mineração [...], aquela água bonita, verde, às vezes azul [...] e se tomava banho naquelas águas”. A água a que ele se refere é proveniente de drenagem ácida de mina; é a água contaminada que escoas das minas, atinge, muitas vezes, os corpos d’água e se mantém retida em forma de açudes na superfície.

Os açudes formados pela drenagem ácida¹² têm caráter nocivo e são quase que totalmente desprovidos

¹¹ Xisto argiloso ou folhelho é o nome dado a uma rocha sedimentar de origem detritica, que pertence ao subgrupo das rochas argiláceas.

¹² A drenagem ácida de minas (DAM) é geradora de um dos impactos ambientais ligados à atividade de mineração do carvão.

de vida, podendo alcançar os lençóis freáticos, comprometendo os mananciais. Essa poluição resultante de uma ação antrópica ainda não tem uma solução eficaz para a neutralização desse passivo ambiental.

Conforme Menezes *et al.* (2002, p. 226-232), o fenômeno da drenagem ácida ocorre pela disposição ao ar livre de rejeitos sólidos, provenientes de atividades de mineração. Os minerais ricos em enxofre (na forma de sulfetos) sofrem um processo de oxidação natural e, em contato com água ou umidade, produzem ácido sulfúrico no local. As águas contaminadas são acumuladas nas bacias de efluentes (antigas cavas de mina).

Sobre este assunto, Gebhart (*in* Gutberlet, 1996, p. 129) acrescenta que “dependendo da toxicidade do metal ou de seus compostos, as conseqüências alcançam desde leves disfunções até efeitos mutagênicos, cancerígenos e teratogênicos”. O mesmo autor ainda elucida que a absorção se dá pelo intestino, pulmão e pele, e os íons ou compostos metálicos se distribuem através do sangue, acumulando-se nos órgãos e tecidos.

Outro aspecto relatado pelo Sr. Tarciso é a falta de cuidados com a higiene, quando diz que “a gente brincava naquela água de bueiro. Não tinha nem noção de leptospirose¹³, e tinha rato prá diabo lá, era tudo normal”.

Embora fosse possível dispor os esgotos sem grandes gastos e de maneira que o perigo de transmissão de moléstias por poluição não só dos cursos de água superficiais, como também do solo, de animais domésticos, de insetos vetores, fosse eliminado ou reduzido ao mínimo, essas práticas não eram usuais e os esgotos se tornavam foco de permanente disseminação de doenças.

A falta de saneamento básico era uma premissa nas vilas operárias da região carbonífera. Não havia, como diz Campos (*in* Gonçalves, 2002, p. 119), nenhuma preocupação com o meio ambiente em geral e o meio ambiente urbano. Por isso, a grande mortalidade infantil nas décadas de 1940-1950 (Carola, 2002; Gonçalves, 2002).

Apesar de não ser uma técnica usual no registro de histórias de vida, dentro do campo da história, uma das técnicas usadas nos registros feitos neste estudo foi a técnica do desenho. O Sr. Tarciso, no desenho feito para representar a natureza, remete-nos às memórias de sua infância: a vegetação nativa da Mata Atlântica que foi substituída por reflorestamento de eucalipto, representando para ele a natureza. Também trouxe para sua paisagem o jerivá (*Syagrus romanzoffiana*), coqueiro típico da mata nativa da região. Hoje essa árvore enfeitada a principal avenida de Criciúma (Av. Centenário). A igreja católica, hegemônica na região carbonífera, também é

realçada no desenho. O lazer é o “campinho” de futebol e o banco onde ele e seus amigos sentavam para conversar. Relembra ainda a presença das samambaias. Hoje o Sr. Tarciso reside em Criciúma (SC), mas suas memórias em relação à infância são fortes e presentes. Apesar de todos os problemas ambientais e poucos recursos financeiros, ele guarda boas lembranças de sua infância.

(f) A morte como um lugar comum, mas que se quer silenciar

O Sr. Ademar é uma testemunha ainda viva da catástrofe ambiental da região carbonífera. A memória dele contém também informações de seus antepassados, que já se foram, de pessoas com idade bem mais avançada ou “as pessoa mais idosa”, como ele conta.

Morador do distrito de Guatá, Município de Lauro Müller (SC), o Sr. Ademar possui incrustadas em sua memória e em sua pele as marcas da destruição, da transformação das paisagens e da presença constante da morte.

Sua narrativa faz parte do patrimônio cultural de sua comunidade, ou seja, o distrito de Guatá. Como coloca Abreu (Abreu e Chagas, 2003, p. 81), é um “tesouro humano vivo”, pois valoriza a esta fonte essencial de identidade cultural. Teixeira Coelho (1997, p. 201), conceitua identidade cultural como “um sistema de representação [...] das relações entre os indivíduos e os grupos e entre estes e seu território de reprodução e produção, seu meio, seu espaço, seu tempo”.

O Sr. Ademar, como mineiro de subsolo, presenciou a morte de muitas pessoas, seus amigos e colegas. Ele se refere ao tempo das “minas perigosas” de instalações elétricas precárias. Muitos mineiros morreram eletrocutados ao se encontrarem com fios elétricos desencapados.

Ele mesmo foi uma das vítimas. Como perfurador, abria buracos nas pedras para colocar a dinamite. Em um acidente perdeu um olho, e a explosão foi tão forte que pequenas pedras granuladas se alojaram sob sua pele e estão lá há mais de 20 anos. No imaginário do Sr. Ademar e outras pessoas do Guatá, as minas eram, antes de tudo, um lugar perigoso, lugar onde a morte “gostava” de ficar.

Na produção e reprodução da “cultura do carvão”, na região carbonífera de Santa Catarina, a morte é um personagem muito presente. Na entrevista concedida, o Sr. Ademar recorda o fato de que, no ano de 1948, “tinham nascido 248 e morrido 240 criança”. Esta informação está referida também no texto do Plano Plurianual de Saúde da Prefeitura Municipal de Lauro Müller, de 1993-1996.

¹³ Uma zoonose causada por uma bactéria do tipo *leptospira* que, eliminada principalmente na urina de roedores, permanece em coleções de água, facilmente contaminando as pessoas.

O Sr. Ademar narra que a mortalidade das pessoas era “devido à água, água poluída, que deu essas doenças nessas crianças, do tipo diarreia e vômito”. De fato, este evento mortífero assim reportado, fortemente simbólico e carregado de uma marca da cultura do carvão de que pouco se fala, foi atribuído, mais tarde, às péssimas condições de higiene e falta de água potável. O motivo da baixa qualidade das águas foi a drenagem ácida das minas (a céu aberto e subsolo) e os efluentes¹⁴ das usinas de beneficiamento do carvão. Segundo Gonçalves (2002, p. 109), essas águas e efluentes se tornam ácidos em função da oxidação da pirita. O ácido resultante (H_2SO_4) solubiliza os metais presentes no minério e nos rejeitos associados, possibilitando a contaminação dos recursos hídricos.

Gonçalves (1989, p. 140) ainda acrescenta que “os mineiros do sul de Santa Catarina e seus filhos morriam por doenças provocadas pelas más condições de vida e de trabalho, falta de saneamento básico, água potável, por subnutrição e insalubridade das minas de carvão”. Isto nos reporta a imagens do texto de Zola (1987, p. 88), segundo o qual, “crianças esqueléticas, suas carnações linfáticas, seus cabelos descoloridos, a degenerescência que até as fazia mirar, roídas de anemia [...]”.

Mesmo retratando uma realidade separada por mais de um século daquela descrita a partir do norte da França, no contexto das minas de carvão de Criciúma (SC) registram-se situações muito semelhantes. Dois registros, em diferentes escritos no livro de Carola (2011), demonstram como o cenário desenhado pelo autor francês se mostra em novo desenho no contexto aqui estudado.

O primeiro registro é a partir do relato de uma freira, fazendo trabalhos de assistência social em vilas operárias de Criciúma (SC), na década de 1950:

Um operário chamou-nos à sua residência, na Corda Bamba, para fazer curativos no seio de sua esposa. Encontramos um ambiente horrível. Sujeira por todo o canto. O recém-nascido de apenas 10 dias já se achava contaminado pela “sapeco”. As outras quatro crianças inspiravam compaixão, tal aspecto imundo que apresentavam. A cama onde repousava a mãe doente e o recém-nascido cheiravam mal (Rabelo, 2011, p. 136).

O segundo registro é colhido de depoimento pessoal de Teresinha Maria Gonçalves narrado no texto de sua autoria *Memórias do Eldorado do Carvão*, publicado no mesmo livro organizado por Carola (2011):

A vivência quase diária com a morte fez parte do cotidiano de minha infância, tanto que, muitas vezes, brincávamos fazendo funeral de ratos, quando meu pai os envenenava. Tudo era sujo, preto, cinza... O lixo se acumulava em volta das casas, as pessoas matavam os animais e os dissecavam nos pequenos córregos. Deixavam lá a carcaça e o resto de vísceras para os urubus. O cheiro de enxofre me deixava enjoada. Pés descalços, pegando bicho de pé, piolho e sarna, lá estávamos, as crianças do Guatá, brincando nas lagoas de pirita¹⁵ (Gonçalves, 2011, p. 141).

Em suas atividades diárias, no cemitério que administra, o Sr. Ademar diz que “a gente ajunta os ossos né, quando tem, já que muitos nem tem mais osso, então coloca num depósito que o cemitério tem aqui, né”. O Sr. Ademar é incisivo em dizer que não gostaria que “o cemitério fosse destruído, pois é uma lembrança que tá ficando pro povo daquela época, dos acontecimentos que aconteceu em nossa comunidade”.

Descrições semelhantes aparecem na obra de Zola (1987, p. 470), onde Etienne “começou a falar com toda a tranquilidade dos seus mortos [...] houve um momento em que era capaz de acabar contigo, depois de todas aquelas mortes. Mas refleti e acabei dando-me conta de que, afinal ninguém tem culpa [...] não tens culpa, a culpa é de todos.”

Prosseguindo em sua narrativa, o Sr. Ademar mostra os túmulos de adultos no cemitério de Guatá e aponta e diz que homens jovens morreram nas minas: “Matou na hora esse rapaiz”, e “aqui em cima também tem um rapaiz que morreu”, ainda “foram só juntando os pedaços dele”, ou “uma espuleta detonou e jogou o rapaiz mais ou menos uns 40 metros longe, num monte”, ou “esse rapaiz aqui morreu ele e outro”, e assim por diante...

Na cultura do carvão, a morte virou um lugar comum, e isto, em muitos casos, levou também a um embrutecimento dos sentimentos. O sofrimento é tanto que embota qualquer expressão de dor. A consequência é que leva a uma acomodação, a uma submissão à fatalidade, à falta de motivação de lutar por melhores condições. Como coloca Vitor Minas (1988, p. 22) em sua reportagem: “Se a mina cobra o seu preço, destruindo a saúde e às vezes matando, em troca oferece alguma segurança e um salário razoável.”

Apesar de ter-se tornado este lugar comum, como uma espécie de preço a ser pago por quem está na cultura do carvão, a morte também era muito temida neste meio, como o é em todos os meios. Os mineiros sempre acreditaram e acreditam no perigo, e muitos deles têm por hábito rezar para Santa Bárbara (santa dos mineiros) protegê-los

¹⁴ Efluente, no contexto dessa discussão, é todo material líquido que sai das minas de carvão.

¹⁵ Trata-se de lagos formados nas cavas das minas pela água das chuvas. Apresentam-se coloridos nos tons de laranja e azul, pela diluição de vários compostos químicos na água.

antes de “baixar a mina” (ir trabalhar na mineração de subsolo). Há duas grandes festas na região carbonífera em homenagem a Santa Bárbara, sendo uma no bairro Santa Bárbara em Criciúma (SC) e outra no distrito de Barro Branco em Lauro Müller. O dia 4 de dezembro é feriado nestes dois municípios porque é o dia da Santa. Ainda hoje é comum ver nas casas de mineiros ou ex-mineiros um quadro de Santa Bárbara na parede.

Considerações finais

Uma das contribuições do presente artigo foi a de trazer ao presente um trabalho penoso e de péssimas condições de vida pelas quais passaram os mineiros de carvão do sul de Santa Catarina, no início e no auge da mineração. O conflito socioambiental da região carbonífera de Santa Catarina, cuja cidade polo é Criciúma (SC), estabelece-se frente a um progresso econômico questionável, trazido pela exploração do carvão. Trata-se de um progresso questionável, sobretudo, devido às perdas socioambientais decorrentes dessa atividade, que marcou o seu auge entre as duas guerras mundiais (1914-1945) e, num segundo momento, nas décadas de 1970-1980. É sempre importante e necessário que “uma comunidade científica reflita criticamente, em intervalos periódicos, a sua própria produção e a produção realizada sobre determinados temas” (Câmara, 2011, p. 12).

A indústria carbonífera, em Santa Catarina, sempre foi sustentada pela ideologia de que o carvão trouxe e traz muito progresso. Isto está no imaginário da população, de empresários do setor, da grande mídia e de intelectuais do mundo acadêmico de Criciúma (SC). Hoje, com a legislação ambiental e novos recursos na área de meio ambiente, as minas de carvão se modernizaram. A mecanização das minas aliviou o desgaste da força física do mineiro, mas a insalubridade é muito difícil de ser eliminada porque se trata de uma atividade de natureza insalubre. Além de altamente insalubre na sua manipulação no processo de trabalho, o carvão é um combustível fóssil, emissor de dióxido de carbono e de material particulado, contribuindo grandemente para a poluição atmosférica.

A relação entre memória, história e testemunho consubstancia a força e a contribuição do texto, que aqui concluímos. Como foi sinalizado no início, associamos à ideia da importância de se estar atento à memória não oficial ou às memórias “subterrâneas” e às formas tradicionais de narrativa. Entre outras, serviram de apoio as reflexões de Gagnebin (2006), que, reportando-se a Walter Benjamin, registrou a importância de se dar voz a quem não tem voz, para compor o texto histórico (escrito ou falado) daqueles que não têm nome, dos anônimos, dos que não deixam rastro. A importância de se estar atento

à voz daqueles cuja passagem pelo mundo foi tão bem apagada que a memória de sua existência não subsiste, sem que se faça um esforço explícito por suscitá-la. Segundo Gagnebin (2006, p. 54), “[o] narrador e o historiador deveriam transmitir o que a tradição, oficial dominante, então, justamente não recorda.”

O artigo registra, sobretudo, memórias de três entrevistados, e nessas memórias foram apontadas percepções de mundo ocorrendo de duas formas: o mundo da superfície e o mundo do subsolo. Na superfície, segundo os relatos, havia uma “vida limitada”, comum igual à das pessoas comuns, segundo os entrevistados. No subsolo, o mineiro assume outra identidade, outro modo de viver, tanto que todos, sem exceção, têm um apelido, talvez para marcar essa separação dos dois mundos. Apesar do trabalho penoso, embaixo da mina, relataram que se sentiam valorizados. O emprego se sobrepõe ao favor da morte. Apegam-se a Santa Bárbara e invocam sua proteção.

A evocação da devoção a Santa Bárbara, no final do nosso texto, e do importante papel que esta santa ocupa no imaginário dos mineiros deve simbolizar o imenso manancial de cultura que ainda jaz no silêncio do “subsolo” da história do carvão da região de Criciúma (SC), mas deve simbolizar, sobretudo, a riqueza das tramas de convivência (e negociação) entre os dois mundos que aparecem quase como ambivalentes ou contraditórios.

Assim como mencionamos simbolicamente aqui a pontinha do denso fio religioso, muitas outras pontas de fios culturais mais ou menos densos e consistentes compareceram ao longo de nosso texto, tais como as pontas dos fios da organização política, das relações familiares, das relações de gênero, das degradações ambientais e das condições insalubres.

A identificação destes fios, ainda semissoterrados no sagrado subsolo do silêncio, cujas pontas conseguimos puxar, é, com certeza, mais um passo para que, um dia, se possa tecer com todo o seu colorido e vigor a história da cultura do carvão na região.

Referências

- ABREU, R.; CHAGAS, M. (org.). 2003. *Memória e patrimônio*. Rio de Janeiro, DP&A, 316 p.
- ARRUDA, J.J. de A. 1984. *Revolução Industrial e capitalismo*. São Paulo, Primeiros Vãos, 100 p.
- BENJAMIN, W. 1992. O narrador: reflexões sobre a obra de Nikolai Lesskov. In: W. BENJAMIN, *Sobre arte, técnica, linguagem e política*. Lisboa, Relógio D'Água.
- BOSI, E. 2003. *O tempo vivo da memória: ensaios de psicologia social*. São Paulo, Ateliê Editorial, 219 p.
- CÂMARA, M.R. 2011. A região carbonífera catarinense apresentada em pesquisas. In: C.R. CAROLA (org.), *Memória e cultura do carvão em Santa Catarina: impactos sociais e ambientais*. Santa Cruz do Sul, EdUnisc, p. 12-38.

- CARMO, P.S. de. 1992. *A ideologia do trabalho*. São Paulo, Moderna, 88 p.
- CAROLA, C.R. 2002. *Dos subterrâneos da história: as trabalhadoras das minas de carvão de Santa Catarina (1937-1964)*. Florianópolis, Editora da UFSC, 262 p.
- CAROLA, C.R. 2011. *Memória e cultura do carvão em Santa Catarina: impactos sociais e ambientais*. Santa Cruz do Sul, EdUnisc, 326 p.
- CHIAVENATO, J.J. 1994. *O golpe militar e a ditadura de 64*. São Paulo, Moderna, 136 p.
- COELHO, T. 1997. *Dicionário crítico de política cultural*. São Paulo, Iluminuras, 384 p.
- COIMBRA, D.W. 1996. *Atravessando a escuridão: memórias de um comunista casual*. Criciúma, UNESC, 119 p.
- DARNTON, R. 1995. *O beijo de Lamourette: mídia, cultura e revolução*. São Paulo, Cia das Letras, 256 p.
- DE MASI, D. 2000. *O ócio criativo*. Rio de Janeiro, Sextante, 336 p.
- DRUKER, P. 1993. *Sociedade pós-capitalista*. São Paulo, Pioneira, 186 p.
- GAGNEBIN, J.M. 2006. *Lembrar, escrever, esquecer*. São Paulo, Editora 34, 224 p.
- GONÇALVES, T.M. 1989. *Estereotipia da relação profissional / paciente e inibição do processo terapêutico*. São Paulo, SP. Dissertação de Mestrado. Pontifícia Universidade Católica, 236 p.
- GONÇALVES, T.M. 2002. *O processo de apropriação de espaço através dos modos de morar e habitar o lugar*. Curitiba, PR. Tese de Doutorado. Universidade Federal do Paraná, 422 p.
- GONÇALVES, T.M. 2011. Memórias do Eldorado do Carvão. In: C.R. CAROLA (org.), *Memória e cultura do carvão em Santa Catarina: impactos sociais e ambientais*. Santa Cruz do Sul, EdUnisc, p. 140-152.
- GONÇALVES, M.H.B.; WYSE, N. 2005. *Ética e trabalho*. Rio de Janeiro, Ed. Senac Nacional, 74 p.
- GOULARTI FILHO, A. 2001. *Padrões de crescimento e diferenciação econômica em Santa Catarina*. Campinas, SP. Tese de Doutorado. UNICAMP, 373 p.
- GUTBERLET, J. 1996. *Cubatão: desenvolvimento, exclusão social e degradação ambiental*. São Paulo, Universidade de São Paulo, FAPESP, 244 p.
- GANS, H. 1996. Pobreza tem solução. Entrevista concedida a Eurípedes Alcântara. São Paulo. *Revista Veja*, jan., p. 7-10.
- MATER ET MAGISTRA, 1961. A evolução da questão social à luz da Doutrina Cristã. Disponível em: http://www.vatican.va/holy_father/john_xxiii/encyclicals/-documents/hf_j-xiii_enc_15/05/1961_mater_po.html. Acesso em: 25/10/2004.
- MENEZES, C.B. de; LEAL FILHO, A.L.S.; SANTO, E.L. 2002. Desenvolvimento de método alternativo para o tratamento de drenagens ácidas de mina (DAM). In: XIX Encontro Nacional de Tratamento de Minérios e Metalurgia Extrativa, I Simpósio de Minerais Industriais do Nordeste e III Simpósio de Rochas Ornamentais do Nordeste, 2002, Recife. *Anais...* vol. 2, p. 226-232.
- MINAS, V. 1988. *Reportagem de uma morte anunciada: a tragédia dos mineiros do carvão*. Porto Alegre, Tchê, 190 p.
- MORAES, D. de. 1989. *A esquerda e o Golpe de 64*. Rio de Janeiro, Espaço e Tempo, 380 p.
- PHILOMENA, G.L.B. 2005. *Cultura do carvão em Criciúma (SC): a história que não se conta*. Criciúma, SC. Dissertação de Mestrado. Universidade do Extremo Sul Catarinense – UNESC, 164 p.
- POLLAK, M. 1989. Memória, esquecimento, silêncio. *Rev. Estudos Históricos*, 2(3):3-15.
- POLLAK, M. 1992. Memória e identidade social. *Rev. Estudos Históricos*, 5(10):200-212.
- RABELO, G. 2011. As pedagogias missionárias das Pequenas Irmãs da Divina Providência na Vila Operária da Próspera-Criciúma (SC) (1945-1960). In: C.R. CAROLA, *Memória e cultura do carvão em Santa Catarina: impactos sociais e ambientais*. Santa Cruz do Sul, EdUnisc, p.120-139.
- SANTOS, M. 1997. *Metamorfose do espaço habitado*. São Paulo, Hucitec, 124 p.
- VOLPATO, T.G. 1984. *A pirita humana: os mineiros de Criciúma*. Florianópolis, Editora da UFSC/Assembleia Legislativa do Estado de Santa Catarina, 160 p.
- ZOLA, É. 1987. *Germinal*. São Paulo, Círculo do Livro, 478 p.

Submetido: 22/12/2011

Aceito: 13/03/2012

Gerson Luis de Boer Philomena
Faculdades Escola Superior de Criciúma
Rua Gonçalves Ledo, 185, Centro
88802-120, Criciúma, SC, Brasil

José Ivo Follmann
Universidade do Vale do Rio dos Sinos
Av. Unisinos, 950, Cristo Rei
93022-000, São Leopoldo, RS, Brasil

Teresinha Maria Gonçalves
Universidade do Extremo Sul Catarinense
Av. Universitária, 1105, Universitário
88806-000, Criciúma, SC, Brasil